

RESENHA

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Autentica Editora, 3ª edição, 2008.

Bárbara Luiza Carneiro

Estudante bolsista da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Apucarana, barbaracarneiro@alunos.utfpr.edu.br

O livro “O casaco de Marx” trata-se de uma obra com aspecto profundo, ligado ao laço afetivo, de memória e simbólico dos indivíduos para com as peças de roupas. Cada capítulo retrata casos de maneira pessoal, de forma que o leitor se identifica e simpatiza com os sentimentos dispostos dos personagens. Ao todo são três capítulos, sendo o primeiro intitulado “A vida social das coisas: roupas, memória, dor”; o segundo “O casaco de Marx”; e o terceiro “O mistério do caminhar”.

O primeiro capítulo trabalha no quanto uma roupa transmite a história e transmite significados de quem a usa, ou seja, como ela pode estar cheia de memórias e símbolos e como esses podem ser ressignificados. Em “A vida social das coisas: roupas, memória, dor” o principal tema é o luto e o papel que as roupas têm sobre ele. O autor inicia relatando o que o motivou iniciar os estudos sobre roupas e retrata o falecimento de seu amigo Allon White, em 1986, e como essa perda representava um vazio, uma ausência, algo que provocava raiva devido a sua incapacidade de sentir dor e tristeza.

Stallybrass (2008), herdou de seu falecido amigo, uma jaqueta de beisebol, entregue a ele por Jen, esposa de Allon White. Com o recebimento deste objeto, aflora nele o início desta história, e sua perspectiva é alterada, pois, a partir do momento que ele vestia a peça, sentia que

seu amigo também a vestia. Assim, começou a pensar em roupas e a vê-las como algo mágico, pois, de acordo com o autor a roupa nos recebe;

(..) recebe nosso cheiro, nosso suor, e até mesmo nossa forma. Mas para mim, elas são mais confortadoras que aterradoras, embora eu tivesse sentido ambas as emoções, pois eu sempre quis ser tocado pelos mortos, eu sempre quis que eles me assombrassem. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem (p. 10).

Segundo o autor, as roupas, desde sempre, representam vários signos, e um deles é a memória, o poder e a posse. Em sua obra é mencionado que a Inglaterra da Renascença era uma sociedade de roupas, sendo a moeda mais concorrente. Os valores e também a troca assumiam a forma de roupas, que era tanto uma moeda quanto um meio de incorporação. Não só na Inglaterra da Renascença as roupas possuíam tais signos, mas em várias outras culturas elas podem ter uma representação, como, por exemplo, no sistema *Um-ghal*, em que o presente da roupa era o ato essencial do tributo e do domínio de reinado, efetuando a incorporação dos sujeitos ao corpo do governante. As roupas, tem uma reiteração coerciva na sociedade medieval, onde, era notável a diferença de classe, poder e riqueza na sociedade.

Esses vários signos presentes nas roupas estão imbuídos em diversas culturas e, como as mesmas, estarão sempre representando um papel, seja a representação de grupos, ideais éticos e políticos, a diversidade cultural, a diferença de classe social econômica, entre outras coisas.

Para o autor, em uma sociedade da roupa, ela é um meio de incorporação. À medida que ela muda de mãos, ela prende as pessoas em redes de obrigações. As roupas podem ser permeadas e transformadas todo o tempo, por quem a fábrica e por quem a veste, com a capacidade de durar por muito tempo, representando a história de quem a possuiu, “A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente (p. 13)”.

Toda essa capacidade de absorção está diretamente ligada ao significado que cada indivíduo atribui à uma peça de roupa, porque diferente da crítica do materialismo moderno, assim como menciona o autor, é o que está ausente que tem representação na roupa, pois são os indivíduos que dão significados as coisas, são eles que dão sentimentos e tornam os objetos simbólicos, isto posto, não é o material em si, mas o que ele pode evocar na vida de cada um.

Ainda, de acordo com Stallybrass (2008), tais significados e absorção por vezes numa economia capitalista se torna fantasma. Essa economia de consumo desenfreado, em que os indivíduos estão buscando por atualizações e renovações do guarda-roupa, em que a moda é rápida, os têxteis acabam perdendo sua validade, tanto em termos de qualidades materiais, quanto em questões de significados, pois, a busca pelo desejo, está diretamente relacionada a questão de pertencimento que adquire socialmente.

As roupas têm diversos signos e podem adquirir maior importância acompanhadas por momentos de crise, como o falecimento de alguém ou, como na pandemia e pós-pandemia da Covid-19, que mudou a concepção de realidade da sociedade, alterando os estilos de vida e consequentemente a forma de vestir e consumir, fazendo com que as roupas desempenhem um outro papel, adquirindo novos significados.

Essa concepção sensível é uma reflexão sobre a materialidade e imaterialidade das coisas, das roupas e do ato de vestir. Afinal, em uma sociedade de consumo desenfreado, as roupas ainda possuem importância simbólica e permanecem inscritas através das relações sociais, acompanhando a história da humanidade. Como o autor declara: “as roupas são preservadas; elas permanecem. São os corpos que as habitam que mudam” (p. 29).

O segundo capítulo, é mais descritivo e motiva o leitor fazer uma análise sobre o papel que as vestimentas possuem. O ensaio “O casaco de Marx”, que inclusive dá título ao livro, relata as dificuldades financeiras que Karl Marx passou durante o período em que escrevia “O Capital (1867)”. Nesta obra, o intelectual alemão explica conceitos do capitalismo e usa, como exemplo, seu próprio casaco, que penhorou por diversas vezes, naquele período.

Segundo Stallybrass (2008), na segunda metade do século XIX, período em que Marx escreveu a obra, o próprio vivia de forma bem precária em Londres. Ainda que ele recebesse doações de Engels, ele e sua família necessitaram recorrer por diversas vezes às lojas de penhores para garantir, através dessa renda, moradia, alimentação e materiais para que pudesse seguir desenvolvendo seu livro. Naquele mesmo período, entre décadas de 1850 e 1860, Marx sofreu o dilema da preocupação com a aparência, já que necessitou ir por diversas vezes penhorar o seu casaco. Essa preocupação está diretamente ligada a capacidade e habilidade de produzir significados.

Ainda, de acordo com o autor, Karl Marx foi um grande defensor do socialismo, e em sua obra *O Capital* determina o capitalismo como o processo de universalização da produção de mercadorias e a forma celular da economia. Essa forma celular assume a forma de um casaco, assumindo primeiramente o papel de troca na mercadoria. Em sua obra, o filósofo tenta mostrar o caráter contraditório do próprio capitalismo, sendo para ele a sociedade mais abstrata que já existiu, uma sociedade que consome, cada vez mais, corpos humanos concretos.

Para mais, outro tema tratado por Strallybrass (2008) neste capítulo é sobre a palavra fetiche, relatando o termo fetichizar mostrando a vertente proposta na obra “*O Capital*” (1867), em que Karl Marx versou sobre fetichizar a mercadoria significando fetichizar um valor de troca abstrato e, por isso, o casaco de Marx aparece e desaparece imediatamente, devido essa natureza do capitalismo em que o casaco não tem apenas a sua particularidade material, mas também um valor suprassensível. Para o filósofo, fetichizar a mercadoria significava reverter toda a história do fetichismo, já que isso designa fetichizar o invisível, o imaterial e o suprassensível. Ao atribuir a noção de fetiche à mercadoria, Marx a via como uma regressão relativa ao materialismo que fetichizava o objeto, e esse, era o problema, pois tomava o objeto esvaziado para um local de troca, fazendo com que esse perdesse seu valor afetivo do amor e do trabalho humano.

Outra vertente proposta pelo autor é a de Pietz (1985), que define a palavra fetiche como um conceito desenvolvido para demonizar o poder dos objetos, das coisas. Este conceito surgiu a medida em que os europeus subjugavam e escravizavam outros povos, já que os mesmos faziam uso de artefatos de cunho religiosos.

O conceito de "fetiche" foi desenvolvido para, literalmente, demonizar o poder de objetos estranhos que eram carregados no corpo (através da associação do feitiço com a arte da feitiçaria europeia). E ele emergiu no momento em que o sujeito europeu subjugava e escravizava outros sujeitos e, simultaneamente, proclamava sua própria independência relativamente aos objetos materiais (p. 44).

Essa demonização se devia ao receio da possibilidade de que a história, a memória e o desejo pudessem ser materializados em objetos, podendo serem tocados, amados e carregados no corpo. Esse receio é contraditório, pois ao analisar a história, identifica-se que em diversas culturas é usada a materialização, tanto nas artes, na arquitetura, na religião, quanto nas vestimentas e indumentárias. É a partir da materialização que a história do mundo é contada e

passada de geração a geração. Se não houvesse resquícios e registros, simplesmente tudo seria esquecido.

Supõe-se que, ao se tratar de vestimentas e outros temas culturais não europeus, o termo fetiche tem um significado diferente, e essas disparidades seriam a preocupação dos povos europeus. Como refere Stallybrass (2008), ao citar John Atkins (1937), a palavra fetiche era usada com duplo significado entre os negros, sendo uma palavra aplicada as vestes e aos ornamentos, e também a algo reverenciado como, por exemplo, uma divindade. O que difere dos europeus que via os objetos como um investimento financeiro e as roupas como “moda” e bens descartáveis.

O Terceiro e último capítulo, dedicado a memória de seu pai, Stallybrass (2008), evoca os personagens Édipo e Rei Lear, e também textos do Primo Levi para analisar conscientemente o ato humano de caminhar e deslocar por si mesmo. Ao retratar o Enigma da Esfinge, o autor destaca o profundo mistério do caminhar e como esse ato não é uma constante na vida dos seres humanos. Ao longo do texto ele descreve as três fases do caminhar:

Quando bebê, ele engatinha, usando os pés e as mãos. Se tudo der certo, aprende a se levantar e a andar sobre os dois pés, capacidade que mantém durante boa parte de sua vida adulta. E quando atinge a velhice, à medida que seu equilíbrio torna-se precário, utiliza uma bengala como se fosse um terceiro pé (p. 87).

O autor relata, também, a estranheza do enigma da Esfinge, primeiro porque a Esfinge “É a descrição de um ser que está, ao mesmo tempo, mais e menos preso ao chão do que os humanos: mais, porque anda sobre quatro pés; menos, porque as asas indicam que pode voar (p. 88). Segundo, porque o enigma foi proposto a Édipo, uma pessoa da qual possuía dificuldades de caminhar sobre seus pés.

Mas é, talvez, precisamente por causa dessa dificuldade que Édipo é a pessoa apropriada para resolver o enigma. Para ele, caminhar não é algo natural: é um problema. Édipo, por não ter um equilíbrio perfeito, representa a estranheza e a dificuldade do ato de equilíbrio pressuposto pelo caminhar (p. 89).

Ao analisar o conto do Rei Lear, Strallybrass (2008), busca fazer uma relação com o mito de Édipo, “o enigma do pé deve sua eficácia ao fato de que o pé é algo que normalmente não merece atenção (STALLYBRASS, 2008, p. 92). Nesta análise ele enfatiza que o corpo do monarca é geralmente carregado por outros que, no teatro da Renascença, o Rei Lear estava sempre calçado com suas botas, apoiando seus pés no trono ou montado em um cavalo.

Na sociedade aristocrática da Renascença, a ação de descalçar as botas exigia o auxílio de outra pessoa. Um efeito paradoxal das botas, portanto, é que, ao mesmo tempo em que preparam aquele que vai usá-la para condições adversas, elas o tornam dependente de outras pessoas (p. 94).

Em seguida, após analisar a peça Rei Lear, Stallybrass apresenta as obras do Prime Levi, “É isto um homem?” e “A trégua”, e aponta sobre, ainda, o mistério do caminhar e a importância de ter sapatos certos para a sobrevivência do ser humano, tratando-o como um pré-requisito para a vida.

A necessidade de se ter sapatos que sirvam é encoberta pela própria simplicidade e familiaridade dessa necessidade. Pés amaciados por terem antes calçado sapatos ou pés expostos ao frio exigem a proteção de calçados. Sapatos que sirvam, como mostra Levi, podem ser a precondição do caminhar, a precondição da sobrevivência (p. 94).

Em conclusão, o autor, expõe o que inspirou a escrita do último texto, relatando um momento em que subia um monte na Escócia com seu irmão e seu pai, que já tinha 80 anos. Após subirem 1800 metros, faltando pouco para chegar ao topo, seu pai desistiu do percurso devido ao cansaço, depois desta experiência ele passou a escrever suas memórias, pouco tempo antes de falecer.